

Além...

Trecho do livro O desejo da Psicanálise
de Leonardo Brasiense
(Editora Sulina, Porto Alegre, 1999)

Tomando cada construção humana, seja um sistema lingüístico, um projeto de engenharia, uma religião, um crime ou até uma paquera, por palavra, integrada em uma rede simbólica, considera-se o homem um animal falante.

Se pensarmos que a Psicanálise já bateu muito na fala, e que por isso ela possa se apresentar gasta e pesada, fica útil redizermos.

Vendo qualquer coisa referente ao humano, por exemplo, a arte, as ciências, o esporte, a inveja ou a graça, sob seu aspecto de artificialidade, o homem é um produtor.

No decorrer deste trabalho, nosso objetivo não foi outro senão perseguir o motivo dessa produção, da *produção humana* (lida como “o produzir-se de uma espécie”). Através da análise de uma força que se delineia entre pontos específicos de obras desenvolvidas desde 1807 (Hegel) até nossos dias (Magno), vimos erigir-se um nome para aquele “motivo”: o Desejo.

Preferimos escrevê-lo assim, com letra maiúscula, para não confundi-lo com eventuais concepções de “desejo” que surgissem em contextos particulares, como na *Fenomenologia do espírito*, no *Projeto* ou na *Interpretação de sonhos*, entre outros. Com essa distin-

ção ortográfica, não estamos distanciando os termos, mas apenas queremos salientar que o Desejo é o que se desenvolve no movimento daquelas teorias, em seu progresso.

O alvo pode não ser apenas um conceito, mas o espírito de um discurso que completa um século de existência, o psicanalítico. Discurso constantemente remodelado (a bem da eficácia), sem perder de vista a que se presta: desvelar a artificialidade da produção e acusar a subserviência do produtor ao produto. Objetivos esses que o colocam numa posição bastante delicada, de difícil sustentação, conforme tentaremos demonstrar agora.

As construções humanas organizam-se e conferem identidades aos produtores que, por sua vez, também se organizam, sob bandeiras.

Disso resultam dois estados, separados apenas por recurso expositivo, já que um é consequência do outro, reciprocamente, isto é, sem precedência.

O primeiro, intrínseco, diz respeito à prisão que chamamos há pouco de identidade. Esquematizamos em vários momentos seu mecanismo.

Em Freud, do *Projeto* à metapsicologia, um conjunto de respostas mais ou menos uniforme, provocado pelo estímulo constante de estar vivo: o eu. Apesar da evolução que o termo sofreu na trajetória acima, ousamos repetir, a cada passo (nos sonhos e na metapsicologia), comparativamente, a definição dada no *Projeto*, para sustentar a idéia funcional, atribuindo quaisquer acréscimos ao caráter de instrumento dos textos e à compatibilidade contextu-

al do conceito (nunca esquecendo que, para Freud, o *Projeto* não veio a ser publicado). Desse modo, Freud esquematiza uma estrutura que visa dar o “melhor” caminho ao estímulo constante e imperativo da fonte endógena de energia, o *processo de pulsão*. Estrutura formada com base nas primeiras experiências do indivíduo, como um grupo privilegiado de trilhamentos, tendente à rigidez de suas vias.

Em Lacan, um complexo código sensível, ora explícito, ora subliminar, aparentemente regendo o jogo intra e intersubjetivo: o Imaginário. Confere ao homem uma identidade devido à manifestação cativante da forma (perceptiva), donde o aprisionamento, visto que emperra o trânsito do sujeito, o qual acaba por se manifestar pelos caminhos incômodos ou periféricos: ato falho, sonho e sintoma neurótico.

Em Magno, um sistema esteado em moldes mais primitivos, que se reifica, assumindo status de império: o Recalque Secundário. Dissemos império no sentido de soberania, de última verdade; tanto que, na maioria das vezes, já disse o cientista, é muito mais difícil modificar um entrave da cultura do que uma formação física, natural. Assim, o nível do secundário é onde encontramos hoje nosso *mal-estar*: exatamente o que consideramos como servilismo do produtor ao produto.

Abstivemo-nos, aqui, de maior rigor nas correspondências, visto considerarmos cada obra em sua riqueza própria. Por isso enumeramos o Recalque Secundário de Magno com o Imaginário de Lacan, e não com o registro do Simbólico. O motivo é tomarmos

em cada um dos autores a instância que para o mesmo representa a força mais perigosa da enganação, conforme o exposto durante o trabalho.

Os três institutos são amplamente presentes, a ponto de conferirem embasamento tanto ao indivíduo, como autodelimitação, quanto à cultura (embora não possamos separar as direções). Não podemos nos esquivar de admitir que sejam também indiscutivelmente necessários, já que (no que se refere à cultura) a espécie é numerosa e, por isso, não prescinde de leis; e mesmo o indivíduo, para uma sobrevivência digna, precisa constituir-se como tal (precisa de uma identidade).

O segundo resultado, o das bandeiras, é um problema de convivência.

Os produtores, seduzidos e escravizados por sua criação, organizam-se em grupos, e atribuem valores positivos a seus produtos e negativos aos do grupo vizinho. Cria-se o bonito e o feio, o aceitável e o inaceitável, e assim por diante.

É inevitável que os grupos sejam diversos, haja vista o esvaaziamento que confere extrema disponibilidade à *causa*. Também é inevitável que os grupos se formem, pelas mesmas razões discutidas antes quando da formação das identidades; sendo inclusive imprescindível a formação, sob certo aspecto. Sua nocividade surge à medida que desrespeitem o Direito (dos outros grupos ou dos indivíduos).

Como visto, a estrutura desse segundo resultado do relacionamento do humano com suas próprias construções é derivada do

primeiro, o que talvez justifique a agressividade, o preconceito e a dominação (esta em suas duas faces). O que se entende é uma ameaça à integridade do eu, da tribo ou de toda uma civilização, decorrente da coexistência com outros eus, outras tribos e civilizações.

Isso fica muito claro se aceitarmos o desenvolvimento do eu através da imagem do outro, conforme Lacan, ou, sendo mais preciso: a emergência do mundo dos objetos, em contraposição ao mundo como um todo indiferenciado, o que se repete tanto no drama pessoal quanto no *moto perpetuo* do Haver, para Magno. O problema, desse modo entendido, é a emergência da diferença, ou seja, delimitação de unidades no que antes era uma massa única: cada unidade tem que se demarcar nos limites das outras, o que leva a conflitos territoriais historicamente compreensíveis.

Não raro, infelizmente, os próprios representantes do discurso acusador deixam que ele escape, protegem-se atrás de eus e tecem bandeiras. O discurso, no entanto, devido à sua singular dinâmica, permanece e, de tempos em tempos, retorna. Faz parte de seu destino.

É, sem dúvida, uma reação proporcional à força da *causa*, esse estabelecimento das estruturas. A complexidade com que estas se constituem é conseqüência de a *causa* ser infinita, posto que é falta de algo que não há.

Tendo como *causa* o incitamento que chamamos Desejo, vemos quão delicada é a posição desse discurso psicanalítico: necessita de um veículo para se transmitir, para que intervenha, um

saber, e ao mesmo tempo não pode sucumbir à sedução paralisante de um saber explicativo, interpretativo.

Posto em lugar semelhante está o Sujeito de Badiou, em seu curto percurso: carece politicamente defender a verdade do novo que emerge em meio a uma situação estabelecida. Diz-se “curto percurso” porque esse novo também logo se estabelece como situação cristalizadora.

É diferente, porém, a abrangência que essa concepção de Sujeito toma na coisa psicanalítica, haja vista a possibilidade constante de nascer uma verdade, pois há, neste caso, um evento eterno, o Desejo.

Observação feita, vê-se, no entremeio do impasse assim dito, onde surge o Humano, para além do etológico perfeitamente engrenado na cultura, como excesso: fagulha de Desejo.

Assim se pode situar a espécie para um início de discussão de suas questões insistentes, das mais intrasubjetivas às essencialmente coletivas: um animal desejante. Desejante porque Hiperdeterminado, destinado à Hiperdeterminação própria do Haver, que é *pulsional*: Haver deseja não-Haver. Condição essa que é seu destino inarredável, no qual se de-limita, e, ao mesmo tempo sua possibilidade de transação naquelas questões. Pois é a condição *Hiperdeterminada*, se tomada como referência última do sujeito/coletividade, que lhe permite a diplomacia, no sentido de indiferenciar as posições *determinadas* em outros níveis e encontrar um campo de interlocução para interesses diversos. MD Magno chama isso de *exercício de humanidade*, quando conseguimos nos afastar da

estrutura primata que garante nosso cotidiano complexamente civilizado, fazendo referência tão-somente à Hiperdeterminação, para, no instante seguinte, voltarmos à macaqueice inevitável, mas revisando as estruturas gastas e emperradas, ou mesmo descartando-as, e criando outras momentaneamente mais convenientes.